



“A batalha urbana para além do nome”: segregação urbana entre os Bairros Alto São Jorge e Avenida Governador Muniz Falcão, na cidade de Batalha-AL

“The urban battle beyond the name”: urban segregation between the Alto São Jorge and Avenida Muniz Falcão neighborhoods, in the city of Batalha-AL

Larissa Emanuely Silva Nobre¹; Ana Raquel dos Santos Farias²;
Helosy Mafalda Vieira Aquino³; Sarah de Souza Costa⁴; Artur Ferreira Sales⁵;
Matteus Freitas de Oliveira⁶

⁽¹⁾Discente do 3º ano do Médio Integrado ao Técnico do curso de Agroindústria, Instituto Federal de Alagoas – Campus Batalha, larinobre1@hotmail.com;

⁽²⁾Discente do 3º ano do Médio Integrado ao Técnico do curso de Agroindústria, Instituto Federal de Alagoas – Campus Batalha, raquelbelieber15@gmail.com;

⁽³⁾Discente do 3º ano do Médio Integrado ao Técnico do curso de Agroindústria, Instituto Federal de Alagoas – Campus Batalha, helosyvaquino@gmail.com;

⁽⁴⁾Discente do 3º ano do Médio Integrado ao Técnico do curso de Agroindústria, Instituto Federal de Alagoas – Campus Batalha, saraahsouza0@gmail.com;

⁽⁵⁾Discente do 3º ano do Médio Integrado ao Técnico do curso de Agroindústria, Instituto Federal de Alagoas – Campus Batalha, artur.fsales@hotmail.com;

⁽⁶⁾Docente EBTT, Mestre em Geografia, Instituto Federal de Alagoas – Campus Batalha, matteus.oliveira@ifal.edu.br.

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 14 de novembro de 2019; Aceito em: 05 de janeiro de 2020; publicado em 10 de 01 de 2020. Copyright© Autor, 2020.

RESUMO: O presente trabalho procurou analisar a segregação socioespacial que ocorre na cidade de Batalha, em Alagoas, comparando os bairros Avenida Governador Muniz Falcão e o Bairro Alto São Jorge. Foram verificados os arranjos espaciais e o perfil socioeconômico de seus moradores como marcadores da paisagem urbana, além de identificar os agentes que atuam modelando esses espaços e gerando formas e funções específicas na cena da urbe. Metodologicamente, a pesquisa foi realizada por meio de levantamento de literatura, dados primários oriundos de questionários e entrevistas semiestruturadas. Constatou-se que, mesmo sendo um fenômeno na escala da cidade pequena, os processos decorrentes do modo de produção capitalista nas cidades do ocidente reproduzem as mesmas lógicas de desigualdade e produção dialética das diferenças, intensificando as lutas e a segregação no cotidiano da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade pequena, Capitalismo, Agentes produtores.

ABSTRACT: This paper aimed to analyze the socio-spatial segregation that occurs in the city of Batalha, in Alagoas, comparing the neighborhoods Avenida Governador Muniz Falcão and Bairro Alto São Jorge. The spatial arrangements and socioeconomic profile of its residents were verified as markers of the urban landscape, besides identifying the agents that act by modeling these spaces and generating specific forms and functions in the urban scene. Methodologically, the research was conducted through literature survey, primary data from questionnaires and semi-structured interviews. Even though it is a phenomenon in the small town scale, the processes resulting from the capitalist mode of production in the western cities reproduce the same logics of inequality and dialectical production of differences, intensifying the struggles and segregation in the daily life of the city.

KEYWORDS: Small Town, Capitalism, Producing Agents.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a pobreza urbana e os esquemas da segregação socioespacial se configuram enquanto áreas de pesquisa de interesse de geógrafos, urbanistas, arquitetos, sociólogos, entre outros pesquisadores multidisciplinares, que se desenvolvem em função das novas lógicas e paisagens urbanas compostas por formas e funções específicas que demarcam nova fase de urbanização no Brasil, representada pela complexidade verificada em cidades pequenas, o que exige novas abordagens e metodologias de pesquisa para análise e acompanhamento do fenômeno.

A paisagem enquanto categoria analítica da Geografia apresenta grande potencialidade para compreender a segregação espacial do ponto de vista das formas-objetos, como aponta Santos (1982), uma vez que a paisagem se remete à história, aos processos e aos ritmos, isto é,

A cidade produzida liga-se a forma de propriedade que reproduz a hierarquia espacial enquanto consequência da hierarquia social passível de ser percebida na paisagem urbana através da segregação espacial cuja dinâmica conduz, de um lado a redistribuição do uso das áreas já ocupadas levando a um deslocamento de atividades e dos habitantes e, de outro, a incorporação de novas áreas que criam novas formas de valorização do espaço urbano (CARLOS, 2007, p. 37).

A busca pela sobrevivência, pelo direito à cidade, pelas contradições entre espaços públicos e privados recebe, nesse momento, necessários esforços de reflexão para se compreender, nas escalas mais íntimas do cotidiano, como, por exemplo, o bairro, a reprodução ampliada do capital, a produção de diferentes padrões habitacionais e o jogo de efetivação de políticas públicas por parte do Estado, como discute Moreira Júnior (2010).

Não obstante, a cidade de Batalha, situada no Sertão de Alagoas, se constitui enquanto exemplo dessa complexidade, que consiste na segregação urbana e territorial, problema observado na paisagem urbana e no desenho arquitetônico das residências de dois bairros distintos que materializaram os conflitos de classes sociais (ROCHA, 2012). Apesar dessa complexidade, cabe acrescentar mais uma contradição: a cidade, nos moldes capitalistas, permite a geração de laços de coexistência e de partilha de espaços comuns para habitantes de classes diferentes. Para Santos (1997), as relações que se

desdobram nas cidades são capazes de produzir infinitas e subjetivas interações em virtude dos fluxos que nela circulam por meio de suas formas espaciais.

Apresentando aproximadamente 19 mil habitantes (IBGE, 2019), o município de Batalha faz parte da região da Bacia Leiteira, no Sertão alagoano. Com realidades socioespaciais distintas, os bairros Alto São Jorge e Avenida Governador Muniz Falcão foram escolhidos para análise da segregação devido ao conjunto complexo de objetos espaciais que compõe sua paisagem. De acordo com Sposito e Góes (2013), o estudo da segregação inicialmente foi definido como estratégia de organização dos usos do espaço urbano, todavia, atualmente, representa a separação sociogeográfica em áreas distintas no tecido urbano, levando-se em consideração os aspectos econômicos, políticos, históricos e culturais.

É preciso, porém, compreender, como alerta Sabatini (2006), que a segregação está intimamente ligada aos processos de distinção social, assinalando seu caráter eminentemente sociológico, no qual o aspecto espacial reflete as conjunturas sociais. Diante do exposto, o objetivo central desta pesquisa foi analisar como se deu a produção urbana dos bairros Alto São Jorge e Avenida Governador Muniz Falcão, verificando a segregação socioespacial por meio do padrão habitacional e do perfil socioeconômico dos seus moradores.

Levando em consideração que, “no Brasil, o processo de urbanização segue a lógica do capitalismo mundial, com a consolidação da espacialidade urbana” (ROCHA, 2012, p. 7), evidencia-se que a população urbana no país tende a alcançar um percentual de 84,35% de pessoas morando em cidades (IBGE, 2010). Como as cidades brasileiras refletem fortes contradições históricas da sua formação territorial por meio da análise de suas paisagens, não apenas as cidades grandes serão campos de lutas (CORRÊA, 1995), como também outras escalas no fenômeno urbano, como as cidades pequenas. Nessa perspectiva, Santos (2014, p. 78) afirma que “o espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço”, e, sendo assim, a urbe vai refletir as díspares necessidades e os objetivos dos seus agentes produtores e modeladores.

As cidades, ao concentrarem uma parcela tão significativa de pessoas, ao mesmo tempo refletirá a complexidade dessas existências, e isso implica desafios não apenas infraestruturais e gerenciais, mas do cotidiano e da convivência em cidades que crescem sem o devido planejamento e as racionalidades que democratizem o acesso à urbe.

Nos estudos de geografia urbana, nota-se que existem poucas produções acerca do fenômeno da ‘periferização’ do espaço urbano e da segregação socioespacial em cidades pequenas no Estado de Alagoas, sobretudo quando se trata de cidades do Sertão. Essa lacuna abre espaço para repensar o espaço urbano alagoano e o papel das cidades pequenas na hierarquia e na rede urbana associado aos desafios do século XXI.

Nesse contexto, este estudo provoca análises dos conflitos sociais a partir da luta de classes no espaço urbano, articulando o estudo do conceito de paisagem aplicado às dinâmicas urbanas, destacando as materialidades espaciais das formas-objetos que vão adquirindo, sob a lógica do modo de produção capitalista, as diferenças que são reflexo da segregação socioespacial e de acúmulos de capital que variam entre os agentes hegemônicos e o grupo dos excluídos, que lutam e resistem à espoliação urbana, como chama atenção Castells (1983).

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Esta pesquisa contou com a realização de três etapas distintas: a primeira referiu-se à revisão de literatura e à definição da área de estudo; a segunda consistiu na geração de dados primários por meio da aplicação de questionário socioeconômico e da observação de campo; e, por fim, a terceira uniu as informações anteriores em forma de análise para a finalização do trabalho. Essa experiência metodológica foi utilizada nos trabalhos de Melo et al. (2017) e Oliveira et al. (2017), mostrando-se eficaz para compreensões iniciais sobre a atuação dos agentes produtores da segregação socioespacial em estudo.

De forma detalhada, a primeira etapa esteve entrelaçada a leituras de livros e artigos científicos que tratavam do fenômeno urbano, com destaque para as cidades pequenas, como os trabalhos de Salata (2017) e Silva, Pereira e Guadagnin (2018); da segregação socioespacial nas reflexões de Negri (2008) e Treuke (2019); da paisagem urbana com Santos (1982) e Carlos (2007); e da atuação dos agentes produtores e modeladores do espaço urbano nos trabalhos de Corrêa (1995) e Castells (1983). Posteriormente, após as definições teóricas, partiu-se para delimitações metodológicas de estudo de caso na escolha de áreas antagônicas na cidade de Batalha/AL. Para tanto, foram escolhidos os bairros Avenida Governador Muniz Falcão, que concentra parte das

formas espaciais e da população mais solvável, e seu oposto, o Alto São Jorge, que agrega um contingente de moradores de baixa renda e apresenta forte discrepância nas relações socioespaciais se comparado com o bairro anterior (MARICATO, 2003; SPOSITO; GÓES, 2013).

A segunda etapa se realizou no campo com aplicação de questionários nos dois bairros escolhidos. As análises espaciais que são produzidas com verdades de campo conseguem entrelaçar teoria e materialidade/realidade para serem compreendidas em formas de estudo de caso. Sendo assim, foram procurados os agentes que atuam na produção desses bairros, entre eles: a Prefeitura do município, a Companhia de Saneamento Básico de Alagoas (CASAL), a Secretaria de Saúde, os antigos moradores – para reconstituir a história da formação do bairro – e os moradores em sua totalidade – para gerar o perfil socioeconômico dessa comunidade.

O questionário possuía 15 perguntas de natureza socioeconômica, as quais foram aplicadas a 30 moradores de cada bairro, de forma aleatória, de acordo com a necessidade de informações e espalhados por toda a área do bairro, o que contribuiu para a identificação dos informantes mais dotados de informações, com destaque para os moradores antigos. A quantidade amostral de questionário atende à representatividade do fenômeno de pesquisa, além de obedecer à aleatoriedade espacial, a fim de abarcar realidades complexas que compõem a realidade estudada. Por fim, foram associados os dados, gerando textos e gráficos em busca da compreensão das questões de pesquisa.

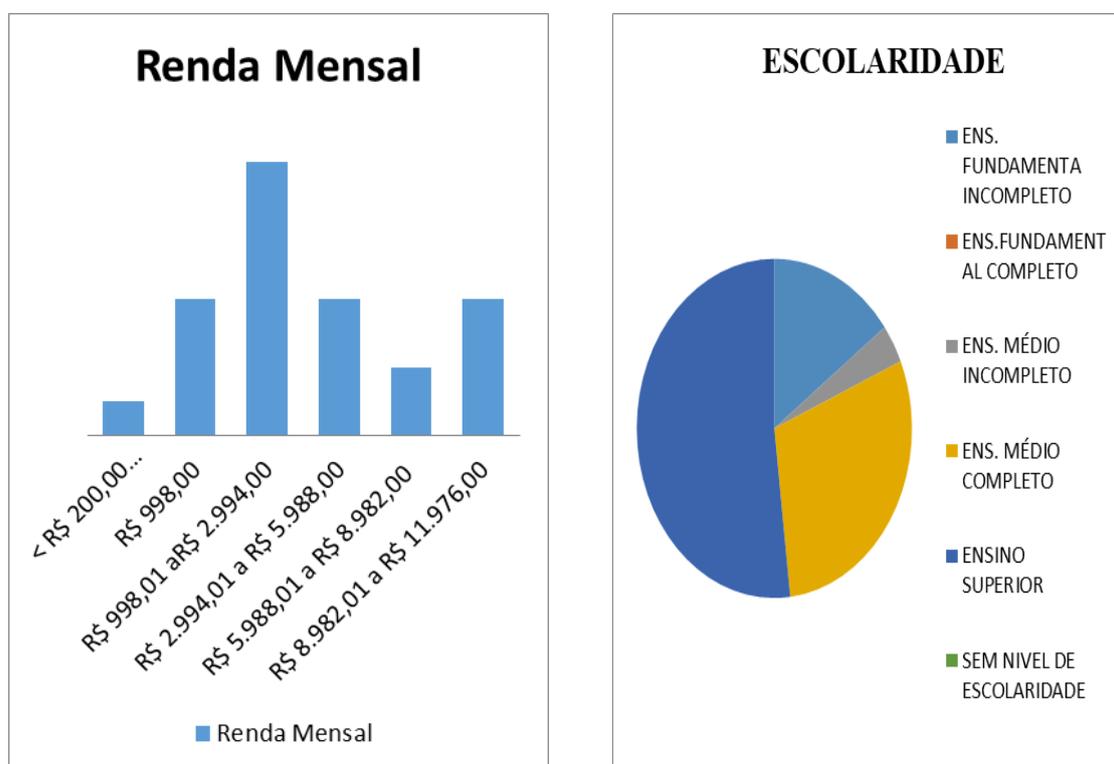
RESULTADOS E DISCUSSÃO

A FORMAÇÃO DA AVENIDA GOVERNADOR MUNIZ FALCÃO

A formação da Avenida Governador Muniz Falcão se confunde com a história de povoamento da cidade de Batalha, e, em virtude disso, os moradores do bairro não sabem com precisão como ele se formou. De acordo com o IBGE (2019), o município de Batalha pertencia ao território do município de Belo Monte, situado às margens do Rio São Francisco, no seu baixo curso. Uma das versões sobre a história da cidade explica a origem do nome da cidade de Batalha, contada pelos moradores mais antigos, de que teria acontecido uma luta entre soldados da política estadual e fanáticos seguidores de um leigo que dominava o local através da religião, por volta do século XIX.

Batalha, que antes era um povoado, foi crescendo proporcionalmente ao aumento da população, e, depois de muitas mudanças, em dezembro de 1947, uma lei estadual transferiu a sede do então município de Belo Monte para a Vila de Batalha, sendo transformado o município em comarca em 1952 (IBGE, 2019). Acredita-se que na Avenida Governador Muniz Falcão residiam poucos moradores e que só começou a ser povoada quando Batalha se tornou polo centralizador da chamada Bacia Leiteira de Alagoas, em decorrência da oferta e da procura de locais para a centralização de atividades ligadas à cadeia produtiva do leite, como, por exemplo, na década de 70 do século XX, a cooperativa Camilla com seus funcionários.

Nesse bairro foi realizada uma análise socioeconômica dos seus moradores, por meio da aplicação de 30 questionários, com a finalidade de saber informações relevantes para a elaboração do trabalho, tais como: nível de escolaridade e renda mensal. A Avenida Governador Muniz Falcão agrega cerca de 120 moradores, enquanto, em contrapartida, o Alto São Jorge possui aproximadamente 300 moradores, segundo a Prefeitura Municipal de Batalha e os agentes de saúde dos referidos bairros.



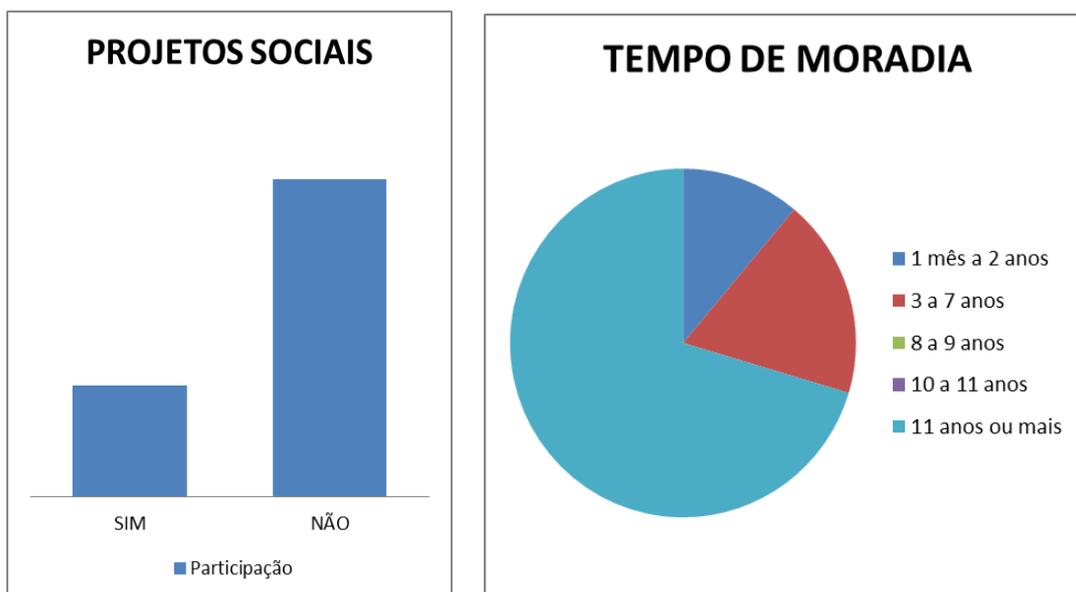
Gráficos 1 e 2: Nível de escolaridade e Renda Familiar dos Moradores da Avenida Governador Muniz Falcão.

Fonte: Os Autores.

No que se refere à escolaridade, cerca de 50% dos entrevistados declararam a conclusão do ensino superior, característica dos bairros ricos, já que, em sua grande maioria, os moradores são isentos, na sua adolescência e/ou juventude, do trabalho, tendo como foco de dedicação a qualificação profissional em boas instituições educacionais. Dos 30 entrevistados, nenhum alegou não ter frequentado a escola, e, no que se refere à renda familiar, a maioria declarou receber acima de três salários mínimos.

O bairro é formado, em sua maioria, por moradores antigos e famílias tradicionais da cidade, mas que ainda assim participam de alguns projetos sociais, mesmo que indiretamente e/ou como colaboradores. Situado às margens da AL-220 e da AL-115 e conhecido como “Centro”, o Bairro Avenida está no miolo da cidade, e os estabelecimentos comerciais importantes e significativos estão nessa localidade, fazendo com que a economia gire, a população desfrute de diversas atividades econômicas, como postos de combustível, lojas e supermercados, e fazendo com que se possa dispor de uma assistência diária da Prefeitura, o que confirma a ideia da atuação tendenciosa do Estado enquanto agente público.

O valor do m² de um terreno na área A, classificação dada pela Prefeitura a áreas do centro da cidade, é R\$ 49,55 (quarenta e nove reais e cinquenta e cinco centavos), sendo considerada a área mais cara da cidade, e, por ser área comercial, o IPTU também tem um valor semelhante a esse, dependendo do tamanho da área construída.



Gráficos 3 e 4: Tempo de Moradia e Participação em projetos sociais.
Fonte: Os Autores.

A HISTÓRIA DO BAIRRO ALTO SÃO JORGE

De acordo com Melo et al. (2017), o Bairro Alto São Jorge foi criado a partir de uma terra desvalorizada por estar localizada em uma topografia íngreme. No início da década de 80, segundo relatos de moradores, a terra foi ocupada de maneira irregular por pessoas que moravam nos povoados circunvizinhos e que fizeram a migração campo-cidade em busca de condições de vida mais favoráveis. Como se tratava de uma parcela pobre e marginalizada no campo, essa desigualdade se acentuou no espaço urbano batalhense.

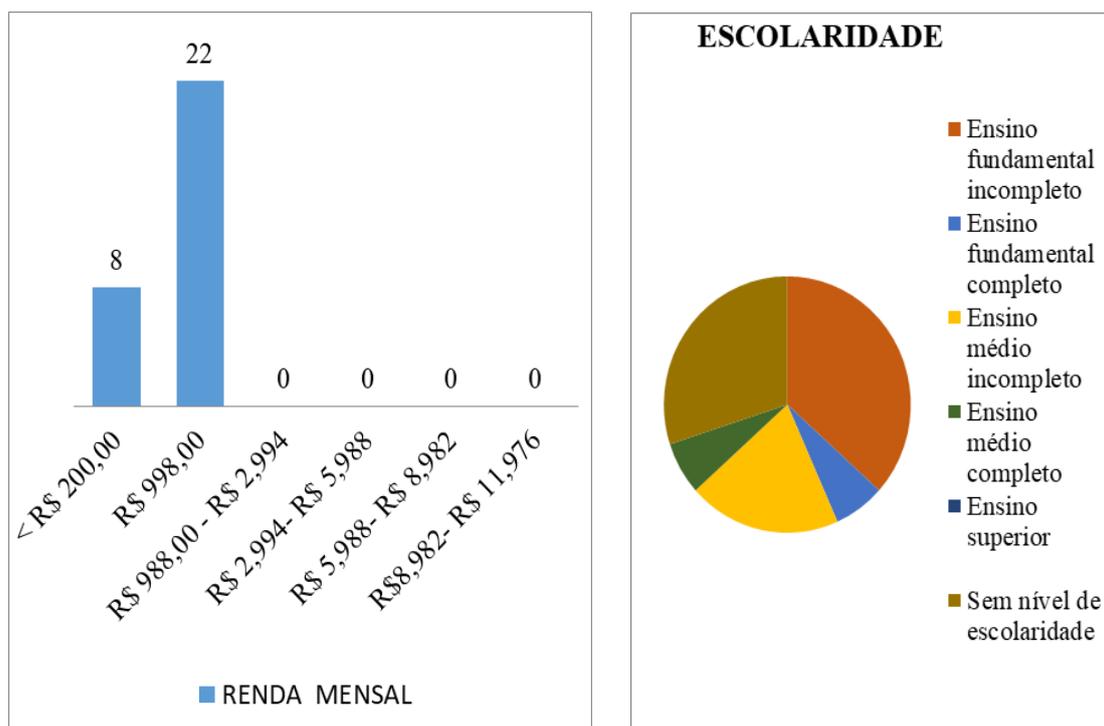
Ainda conforme Melo et al. (2017), o valor da tarefa de terra no morro correspondia a Cr\$ 200,00 (duzentos cruzeiros), e o proprietário fundiário era o senhor Francisco Alexandre, que, após as invasões, resolveu lotear as terras que eram desvalorizadas pela especulação imobiliária.

Em busca de um resgate da história oral, uma antiga moradora do bairro narrou que no lugar havia apenas 4 casas e atualmente há aproximadamente 100 residências e 300 habitantes. Melo et al. (2017) relatam que provavelmente o nome Alto do Urubu estava associado à topografia do terreno do bairro e à antiga presença de um lixão que atraía vários abutres. Para fugir desse estigma social, o Estado, a pedido de alguns moradores, alterou o topônimo do bairro para homenagear São Jorge. Essa alteração está ligada à forte influência da religião Católica Apostólica Romana em todo o município.

Assim como na análise da Avenida Governador Muniz Falcão, a análise socioeconômica dos moradores do Alto São Jorge baseou-se na aplicação de 30 questionários, com a finalidade de saber dos moradores informações relevantes para a elaboração do trabalho, tais como: nível de escolaridade e renda mensal.

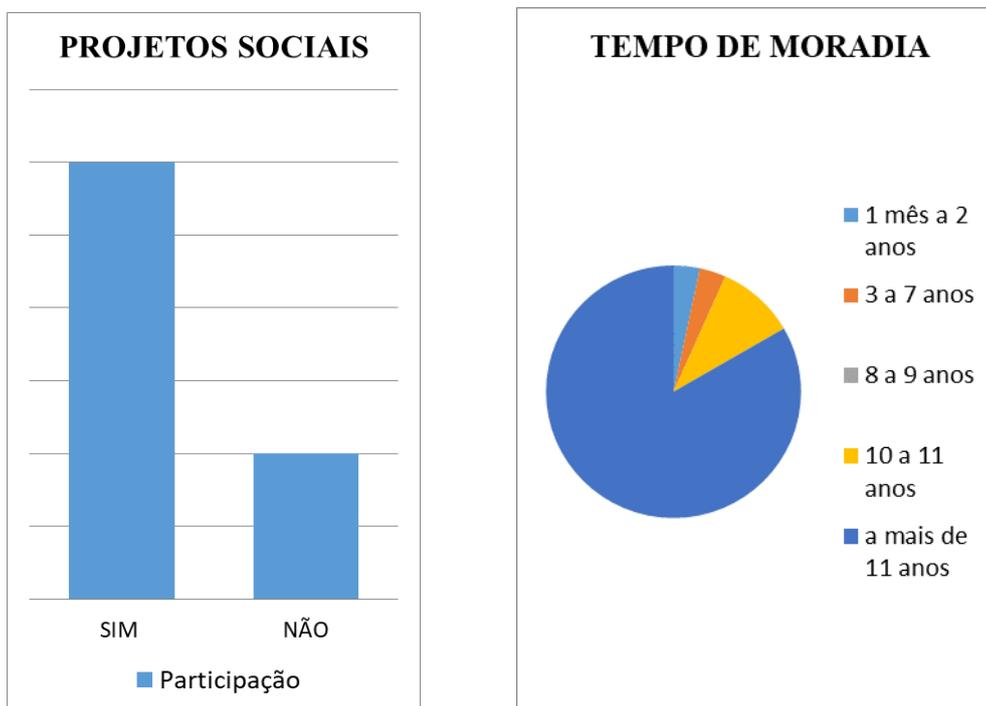
De acordo com o gráfico 6, oito entrevistados declararam ter menos de um salário mínimo para viver. Em contrapartida, vinte e dois moradores recebem R\$ 998,00 (novecentos e noventa e oito reais), o equivalente a um salário mínimo, para custear as despesas da casa e a alimentação. Alguns entrevistados apresentaram desconfiança quanto ao caráter da pesquisa, mas não hesitaram em responder às perguntas. No gráfico 05, percebe-se que o nível de escolaridade dos moradores é relativamente preocupante, pois quase 35% da população do bairro é analfabeta. Os gráficos 5 e 6 refletem o projeto de exclusão socioespacial, cultural, política e econômica na dinâmica da desigualdade

combinada de circuitos socioespaciais distintos, como reflexo e condicionante das mesmas lógicas segregacionais que atuam nas formas-objetos no espaço da cidade capitalista. Uma das alternativas recorrentes, utilizadas pela população, é submeter-se ao trabalho informal, mal remunerado e não especializado para conseguir sobreviver, revelando a perversidade do sistema.



Gráficos 5 e 6: Nível de escolaridade e renda familiar dos moradores do Alto São Jorge.
Fonte: Os Autores.

Nota-se que, de acordo com o gráfico 7, a população do bairro é formada majoritariamente por residentes antigos e que mais da metade dessas pessoas participa de programas sociais (como apresenta o gráfico 8), como o Programa Batalha Feliz, promovido pela Prefeitura do município, que doa mensalmente cestas básicas aos moradores; como os projetos de extensão promovidos pelos alunos do IFAL-Campus Batalha, com o intuito de beneficiar as crianças carentes e estimular o aprendizado lúdico; e como o Bolsa Família, programa do Governo Federal que garante condições para a família se manter e manter as outras pessoas de uma mesma habitação que, na maioria das vezes, foi erguida com os restos da construção civil ou do próprio barro do solo, como as casas de taipa, afirmando-se, assim, a ausência do Estado no gerenciamento de área e a falta de políticas públicas para mudar a qualidade de vida dos moradores.



Gráficos 7 e 8: Tempo de moradia e participação em projetos sociais.
Fonte: Os Autores.

Além disso, os moradores reclamaram da falta de assistência na questão da limpeza pública, iluminação, moradia e saúde, já que as coletas de lixo não são feitas, e, conseqüentemente, o lixo fica a céu aberto; além disso, as ruas não são calçadas e ainda são registradas casas feitas de taipa, indicando a presença de moradias subnormais, como se pode observar nas figuras 1 e 2.



Figuras 1 e 2: Situação de Moradia e lixo a céu aberto.
Fonte: Os Autores.

Classificado pela prefeitura como Zona D, denominação para bairros periféricos, o preço do m² do Bairro Alto São Jorge é R\$ 26,42 (vinte e seis reais e quarenta e dois centavos), a metade do valor das áreas nobres da cidade. Isso também desvaloriza as atividades econômicas produzidas no bairro e os estabelecimentos comerciais presentes, como padarias, bares e minimercados.

ANÁLISE DA SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL EM BATALHA POR MEIO DA COMPARAÇÃO ENTRE O BAIRRO AVENIDA GOVERNADOR MUNIZ FALCÃO E O ALTO SÃO JORGE

Maricato (2003, p. 152) aponta que “a segregação urbana ou ambiental é uma das faces mais importantes da desigualdade social e parte promotora da mesma”, uma vez que à dificuldade de acesso aos serviços e à infraestrutura urbana somam-se menos oportunidades de emprego e de profissionalização e maior exposição à violência e à discriminação racial, além da limitação do capital social e das dificuldades de acesso aos direitos de cidadania (RODRÍGUEZ; ARRIAGADA, 2004), ou seja, a segregação e a desigualdade atuam juntas e se reforçam entre si.

O processo de desigualdade se intensificou com a ajuda do capitalismo, à medida que se deu origem às relações do trabalho e do capital. Segundo Figueiredo (2013), a partir do capitalismo, esse fenômeno (da desigualdade social) adquiriu patamares de complexidade inéditos, haja vista que se assenta na contradição imanente à reprodução do capital, e o alto desenvolvimento das forças produtivas supera a escassez das sociedades precedentes com uma produção abundante de riquezas. No entanto, esse novo patamar da produção social dos homens não permite à humanidade a eliminação da desigualdade social e da pobreza; com efeito, a reprodução social perpassa o limite das necessidades do capital em sua lógica de expansão e acumulação que tem se posto contemporaneamente em patamares cada vez mais adensados.

Os bairros utilizados como estudo de caso se diferem em classes sociais, materialidades nas formas da paisagem urbana, escolaridade e, conseqüentemente, qualidade de vida. De um lado, tem-se o Bairro Avenida Governador Muniz Falcão, com renda elevada, situado na parte mais estratégica e valorizada do solo urbano da cidade e cerca de 50 famílias residentes; por sua vez, em uma topografia irregular, situa-se o Alto

São Jorge, localizado em área periférica e em cujas imediações há a presença de dois cemitérios públicos, o que desvaloriza os terrenos, além de contar com mais de 200 famílias.

De acordo com Corrêa (1995), são os agentes que produzem, dentro do sistema capitalista, as desigualdades na paisagem da cidade. Esses agentes estão divididos em: proprietários dos meios de produção, proprietários fundiários, promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos. Na realidade de Batalha, esses agentes possuem múltiplos papéis em virtude da forte concentração de renda, do poder e das terras rurais e urbanas por parte de famílias estratégicas.

Essa dinâmica, que também existe em uma cidade pequena, favorece a instalação de equipamentos urbanos mais infraestruturados em áreas mais elitizadas da cidade. Assim, os agentes hegemônicos da cidade de Batalha se concentram no Bairro Avenida Governador Muniz Falcão, sendo que entre eles é possível destacar os proprietários dos meios de produção, como os grandes industriais, os quais representam suas empresas que consomem grandes espaços e necessitam de terrenos amplos, baratos e estratégicos.

Sabendo da impossibilidade de construir bairros, loteamentos e até mesmo cidades, os proprietários latifundiários atuam vendendo suas terras pelo valor de troca e não de uso, pois eles, segundo Corrêa (1995), são os donos de terra que se transformarão em uma propriedade urbana. Mas esses agentes não atuam sozinhos, já que, para a terra ter seu valor de troca, ela passa por uma especulação antes, e, conseqüentemente, o promotor imobiliário entra em ação. De acordo com Melo et al. (2017), a especulação imobiliária classifica o Alto São Jorge como área de baixa amenidade espacial, não despertando interesse de vetor de status para urbanização; em contrapartida, por estar no miolo da cidade, o Avenida Muniz Falcão desperta um grande interesse por parte dos imobiliários para a construção de casas e pontos comerciais.

Um dos agentes mais presentes na cidade é o Estado, desde sua instância Federal até a Municipal. Para Corrêa (1995), ele atua na organização espacial de uma cidade trabalhando no tempo e no espaço e regulariza o uso do solo, o controle de limitação dos preços das terras etc. Uma vez que o Estado não atua, o bairro fica desassistido, e é o que ocorre no Alto São Jorge, segundo relatos dos moradores, que reclamam das situações precárias de sobrevivência e da falta do básico, como coleta de lixo, presença de calçamento nas ruas e moradias dignas.

O último agente são os grupos sociais dos excluídos, denominação essa que diz respeito àqueles que não possuem renda para pagar o aluguel de uma casa, muito menos para comprar um imóvel. Na área periférica, subentende-se que os moradores invadiram, tomaram posse dos terrenos, e alguns deles ainda permanecem lá irregularmente, graças à má prestação de serviços do Estado. Logo, nota-se que, no centro da cidade, em contrapartida, o bairro foi construído com um certo planejamento e com uma maior e diária assistência por parte do Estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escala de análise que moveu este estudo revelou a complexidade da cidade pequena. O estudo das novas urbanidades e a cidade pequena têm ganhado espaço acadêmico em todo o país, evidenciando os efeitos da globalização nas relações de rede e hierarquia urbana e as dinâmicas dos seus agentes produtores. Destaca-se, de modo especial, Batalha, uma das 102 cidades que compõem o urbano alagoano, e se aponta que o efeito de segregação, reflexo do modo de produção capitalista, além de produzir unidades habitacionais com padrões espaciais díspares, gera lógicas de uso que reiteram os processos que geram as desigualdades sociais.

Metodologicamente, a pesquisa de campo foi importante para revelar, por meio da história oral, fragmentos da história da produção urbana de Batalha, endossando a historiografia como importante recurso para compreensão do espaço. A observação de campo e a análise dos dados obtidos em questionários e fontes municipais validaram a hipótese da segregação verificada na análise da paisagem. As formas-objetos aparecem na cena urbana de Batalha como materialidade da concentração de renda, terras, poder, infraestrutura e tecnologia, gerando espaços luminosos e opacos na mesma cidade.

Desta forma, a política de direitos é distinta e, no caso do Alto São Jorge, o direito não se efetiva, contrapondo-se à Avenida Governador Muniz Falcão, que é um bairro assiduamente assistido e privilegiado pelo poder público municipal que zela da área por sua centralidade, mantendo a estética e a segurança urbanas como marketing de trabalho. Um ganho importante neste estudo foi a apresentação da realidade da cidade de Batalha-AL como protagonista para a discussão sobre segregação nas cidades pequenas

e, como discutem Melo et al. (2017), a desmistificação das aparências geradas pelos livros, que em geral priorizam a escala das cidades grandes.

O estudo do espaço urbano, partindo do bairro para compreensão da totalidade do fenômeno urbano, permitiu a integração de escalas de análise que mantêm as relações dialéticas entre local-global, desnudando as contradições que se reproduzem no espaço urbano capitalista.

REFERÊNCIAS

1. CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007.
2. CASTELLS, Manuel. *A Questão Urbana*. Trad. Arlene Caetano. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1983.
3. CORRÊA, R. L. *O espaço urbano*. São Paulo: Ed. Ática, 1995.
4. FIGUEIREDO, Joseane Gomes. Desigualdade Social e Capitalismo: os limites da igualdade sob a ordem burguesa. In: *Jornada Internacional de Políticas Públicas*. São Luís: Não Informada, 2013. p. 1-9.
5. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *História do município de Batalha, AL*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/batalha/historico>. Acesso em: 14 set. 2019.
6. MARICATO, E. MetrÓpole, legislação e desigualdade. *Estudos Avançados*, v. 17, n. 48, 2003.
7. MELO, Pablo Guilherme Tenório de et al. Relação entre Pobreza e Agentes Produtores no Sub-bairro São Jorge, Alto do Urubu, Batalha-AL. In: *Encontro de Geografia do Sertão de Alagoas*, Geografia humana: pesquisas e diálogos socializados no sertão de Alagoas, Delmiro Gouveia, 3, 2017. p. 320-329.
8. MOREIRA JÚNIOR, Orlando. Cidade partida: segregação induzida e auto-segregação urbana. *Caminhos da Geografia*, São Carlos, v. 11, n. 33, p. 1-10, mar. 2010.
9. NEGRI, Silvio Moisés. Segregação Sócio-Espacial: Alguns Conceitos e Análises. *Coletâneas do Nosso Tempo*, Rondonópolis, v. 8, n. 8, p. 129-153, 2008.
10. OLIVEIRA, Débora da Silva et al. Os Agentes Formadores no Conjunto Santo Antônio da Cidade de Olho d'Água das Flores-AL. In: *Encontro de Geografia do Sertão de Alagoas*, Geografia Humana: Pesquisas e Diálogos Socializados no Sertão de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2017. p. 269-279.
11. ROCHA, Altemar Amaral. A produção do espaço, segregação residencial e desigualdades sociais na morfologia urbana das cidades brasileiras. *Anais do Simpósio Cidades Médias e Pequenas da Bahia*, 2012. Acesso em: 25 jun. 2017.
12. RODRÍGUEZ, J.; ARRIAGADA, C. Segregación residencial en la ciudad latinoamericana. *Revista eure*, v. XXXIX, n. 89, p. 5-24, maio 2004.
13. SALATA, André Ricardo. Segregação Urbana e Reprodução das Desigualdades Sociais: um estudo sobre os atuais bairros pobres urbanos e sua

influência na trajetória de seus moradores. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 63-69, jul. 2017.

14. SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Hucitec, 1982.

15. SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1997.

16. SANTOS, Milton. *Metamorfose do estado habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia*. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2014.

17. SABATINI, F. *La segregación social del espacio en las ciudades de América Latina*. Banco Interamericano de Desarrollo, 2006.

18. SILVA, José Gustavo Santos da; PEREIRA, Rafaela Brito; GUADAGNIN, Mario Ricardo. Segregação espacial e segregação social: um breve olhar sobre a cidade de Criciúma. *Revista Tecnologia e Ambiente*, Criciúma, v. 24, n. 1, p. 14-31, 2018.

19. SPOSITO, Maria Encarnação, GÓES, Eda Maria. *Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

20. TREUKE, Stephan. *Proximidade espacial versus distância social: examinando as articulações entre grupos socialmente distantes em três bairros populares de Salvador, Brasil*. *Cadernos MetrÓpole*. São Paulo, v. 21, n. 45, p. 619-646, 2019.